

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte..... 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

X

(Continuação.)

Assim fallando, o barão tirou de cima da chaminé tres ou quatro moedas de ouro e deu-as ao criado, que recebeu-as com signaes não equivocos de satisfação.

O barão ouviu-o afastar-se; depois, quando o ruido dos passos extinguiu-se na profundidade do jardim, encolheu elle os hombros, tomou uma vela e entrou no seu gabinete de vestir, cuja porta fechou cuidadosamente.

Quando sahiu dalli, meia hora depois, tinha passado pela mais completa transformação.

Mas seria o mesmo homem? poder-se-hia duvidar.

Uma cabelleira de cabellos ruivos, duros e rentes, cobria-lhe uma parte da testa, que uma cicatriz dividia diagonalmente em duas porções desiguales.

Espessas sobrancelhas sombreavam-lhe os olhos e davam-lhe ao olhar sinistra accentuação; seu labio pendente, vermelho, embrutecido pelo absynthio e pelo fumo, augmentava ainda mais a ignobil expressão de toda a sua pessoa.

O vestuario estava de acordo com o individuo:

Blusa rôta, calça de brim puida nos calcanhares, sapatos remendados e atados com grosseiros cordões.

Um verdadeiro esboço de Callot.

O barão mirou-se durante alguns minutos no armario de espelho que lhe reflectia a imagem; e satisfeito sem duvida, tirou da algibeira um antigo cajimbo, que encheu de fumo, e, tendo posto uma capa aos hombros, para não inquietar as pessoas que pudesse encontrar, desceu por uma escada occulta que dava sahida directamente para os Campos-Elysios.

Na avenida ia passando um carro.

Elle chamou e o cocheiro parou.

— Vinte francos por conta, meu rapaz. disse elle pondo-lhe na mão um luiz; e, se fôres amavel para

com o freguez, poderemos passar juntos algumas horas agradaveis.

O cocheiro examinou a moeda e fez um gesto de assentimento.

— Aonde devo leval-o, freguez? perguntou elle com solicitude.

— A' praça Maub... respondeu o barão.

— Que numero?

— A' Volta da California... em casa do tio Rincebec... Não ha quem não a conheça... Vinhos... licores... e gabinetes particulares á discrição. A caminho, meu amigo, e não poupes as pragas para com o teu quadrupede.

O cocheiro percebeu que estava tratando com um freguez que sabia viver; castigou com prodigalidade o animal, e o carro partiu a galope na direcção indicada.

Em vinte minutos chegaram á praça Maubert.

— Trouxeste-me como eu fosse um ministro, disse o barão já na calçada; alugo o teu carro por mez. Vais esperar-me aqui, e para a volta prometto-te uma segunda amarellinha do mesmo calibre.

E entrou no estabelecimento do tio Rincebec, depois de haver aberto a porta com um vigoroso ponta-pé.

Em seguida caminhou para o balcão de zinco, por traz do qual cochilava o dono da tasca.

— O tio Rincebec? perguntou o barão.

O homem, cujo sonno acabava de ser tão bruscamente interrompido, abriu os olhos e olhou para o recem-chegado contrahindo o sobr'olho.

— Quem és tu? resmungou elle em tom de máo humor.

— Um viajante, respondeu o barão.

— Que idade tens?

— Cinco annos.

— O teu paiz?

— Brest.

— Paga e passa.... o *Philosopho* está no obser-vatorio.

O barão atireu uma moeda de dous francos para cima do balcão, cortejou o tio Rincebec com exagerada polidez e encaminhou-se para o fundo da sala.

XI

No fundo da sala começava uma escada de setento corrimão, na qual reinava noite e dia a mais opaca e suffocadora escuridão.

O barão, que parecia conhecer bem os recantos da casa, embrenhou-se a passo resoluto naquellas trevas, e, sem mesmo ajudar-se do corrimão, poe-se a subir a escada e só parou no quinto andar.

Chegando alli, orientou-se...

Depois, bateu a uma porta, que lhe ficava em frente, tres pancadas espaçadas com intervallos iguaes.

Era um signal. A resposta não se fez esperar.

Abriu-se um postigo, e a cara de um velho apareceu. Era o individuo a quem chamavam o *Philosopho*...

Singular personagem aquella! — Havia dez annos que habitava a agua-furtada da praça Maubert, e vivia alli sózinho, não recebia ostensivamente ninguem e levava uma existencia problematica, que tirava os seus recursos de um genero de commercio mysterioso.

Emfim, a trapeira do *Philosopho* era, se assim nos podemos exprimir, a primeira estação entre as galés e a sociedade.

Qualquer que fôsse o caminho que tomassem os calcetas evadidos de Brest ou de Toulon, ia elle dar fatalmente naquella trapeira.

Dir-se-hia que as galés tinham uma porta de sahida para aquelle ignobil covil.

O *Philosopho* era o homem de confiança dos bandidos, o depositario de suas economias; talvez o comprador de seus roubos.

— Quem está ahi? perguntou a voz do *Philosopho*, atraevez do postigo.

— Um camarada antigo.

— Donde vens?

— Do esquecimento.

— E qual é o teu nome?

— Chamam-me a Vingança!...

A porta abriu-se immediatamente.

— Tu! tu aqui! exclamou a voz que havia interrogado; que aconteceu? Falla. Como é que não recebi noticias?... Julgava-te morto... Oh! Jorge, Jorge!...

O barão levou o dedo aos labios para impôr silencio ao velho; — uma nuvem lhe passára pela fronte e o seu semblante se tornára subitamente austero e grave.

— Não fallemos aqui dessas cousas, disse elle. Voltei... Estou vivo... eis quanto basta... Fallemos dos outros... Já chegaram?...

— Não espero senão um.

— Quem é?

— Polichinello.

— E' com elle principalmente que quero fallar.

— Queres vê os outros?

— Seja!

— Pois então acompanha-me... e mantem-te firme...

O *Philosopho* empurrou uma porta, e penetraram ambos em uma vasta agua-furtada, no centro da qual, sentados em torno de uma mesa alumizada por duas velas ordinarias, viam-se dez homens cujas physionomias fortemente accentuadas apresentavam o quadro mais impressionador que é possivel imaginar.

Com quanto estivesse preparado para semelhante scena, o barão hesitou um momento.

Aquellas caras não tinham todas a mesma expressão,

mas attingiam todas elles o limite extremo do ignobil e do horrivel.

Dir-se-hia um antro onde, perseguidas por sobre-humano flagello, como a innundação ou o incendio, se houvessem refugiado todas as feras de uma região.

Aquelles miseraveis tinham tido uma monstruosa idéa...

Assim como todos os annos os discipulos dos mais celebres institutos de Pariz se reunem em um banquete que não tem outro fim senão recordar a cada um delles que pertence a um grupo sympathico, cada um de cujos membros o segue na vida para applaudir-lhe os triumphos ou consolal-o nas derrotas, assim tambem, no cerebro enfermo daquelle homens, germinára a odiosa idéa de formarem um centro de accão, de estabelecerem um terreno commum onde, todos os annos, na mesma epocha, os desertores das galés ou os sahidos das prisões de Poissy e de Melun viessem combinar novos planos de combate.

Era como que o banquete annuo do crime, e, por ironico abuso de palavras, a instituição se acovertava sob o seguinte titulo:

« Sociedade protectora dos antigos educandos de Brest, Rochefort e Toulon. »

Entretanto, Polichinello acabava de chegar.

Tinha-se demorado. Essa demora, porém, tivera uma causa que o leitor deve conhecer.

Recordam-se de que, á sahida dos *Italianos*, houvera entre elle e o conde des Aiglades a rapida troca de algumas palavras a respeito do bilhete recebido por Gontran.

Em vez de acompanhar a Sra. d'Orvado, tomára elle a direccão do Mercado.

Chegando á esquina da rua dos Ferros, levou aos labios um apitozinho de prata e tirou delle dous ou tres sons modulados de um modo particular.

Quasi no mesmo instante um rapaz destacou-se de uma das columnas do Mercado e veiu postar-se diante delle.

Era Sacco-de-Gesso.

Polichinello fez um gesto de satisfação.

— Bem! disse elle; tenho que te fallar, escuta...

Chegou hontem a Pariz um moço que deve estar mordando em um sotão do bairro latino, cuja indicação te darei. Ora, esse moço recebeu esta noite um bilhete cujo conteudo quero conhecer.

— Como se chame elle? perguntou Sacco-de-Gesso.

— Gontran.

— Como diz?

— Gontran.

— Tem vinte annos de idade... é alto, usa os cabellos compridos e mora na rua des Pedreiros, não é isso?

— Então já o conheces?

— Antipathiso com elle.

— E te incumbes de saber...?

— Incumbo-me de tudo. Desde que se trata de pregar-lhe alguma... pôde confiar em mim, sou o seu homem.

— E quando te tornarei a vê?

— Amanhã.

— Bem, aqui tens uma roda trazeira; amanhã terás o triplo, se me trouxeres a informação.

Sacco-de-Gesso tomou a moeda que lhe offereciam, e, sem mais se importar com o seu interlocutor, correu para o estabelecimento de Paulo Niquet, que ficava dalli a dous passos, e por cujo corredor enfiou-se lestamente.

Quanto a Polichinello, tinha tomado novamente o seu caminho para a praça Maubert.

O banquete havia tomado logo uma animação significativa.

As libações eram abundantes. As nacas de carne e as fatias de pão desappareciam como por encanto, e, ao mesmo tempo que comiam e bebião, fallavam das proezas do passado, das lutas do presente, das victorias promettidas do futuro.

Cada qual contava as mais extravagantes façanhas.

Entendiam que deviam exagerar os crimes que tinham commettido, para provocarem a admiração do auditorio.

— E tu, meu velho? disse de repente, voltando-se para o barão, um dos bandidos, a quem chamavam Rougeot-Cadet; não tens nada para contar? ficas ahi calado como um carangueijo!...

O barão encolheu os hombros e virou um copo de vinho.

— Eu finjo que estou morto, respondeu elle com voz rouca; pois tudo quanto vocês estão ahi contando são miserias em que não vale a pena fallar.

— Oh! oh! exclamou Rougeot-Cadet; pelo que vejo, este senhor pertence á alta classe.

— Um tanto, meu caro.

— E donde vens tu?

— De toda a parte e de muitos outros logares mais.

— Como te chamam?

— O marujo.

— De Toulon ou de Brest?

O barão sorriu-se complacentemente.

— Não é mal achado! disse elle; és menos estupido do que parece... e farei por ti alguma cousa, se quizeres ser amavel.

— Que queres dizer com essas palavras?

— Quero dizer que vocês todos sãs uns toleirões.

— Heim?...

— Ou uns patetas, se preferem.

— Oh!

Um murmurio ameaçador se fez ouvir, e a mão callosa de um dos convivas apertou o gargalo de uma garrafa.

Um gesto de Rougeot conteve a explosão.

O barão tinha-se levantado.

A expressão estupida de sua physionomia desaparecera subitamente; suprema resolução illuminava-lhe o semblante, e sob suas espessas sobrancelhas tinha luzido um relampago.

Os convivas olharam uns para os outros admirados.

— Vejamos, disse elle em tom meio chocarreiro, meio serio; que foi que vocês ganharam este anno na ignominiosa e sanguinolenta profissão que exercem?

— Ponhamos vinte mil francos, respondeu Rougeot.

— Pois eu lhes dou o dobro e compro-os, replicou o barão.

— Tu?

— Aceitam?

— És então muito rico? perguntou Polichinello.

— Façam a experientia.

— Emfim, quem és tu? pois aqui nos conhecemos todos, e és o unico a cujo semblante não posso ligar um nome.

O barão olhou fixamente para Polichinello.

— Vamos! acrescentou; reune as tuas reminiscencias, e lembra-te das galés de Brest.

— Mas... balbuciou Polichinello incerto e perturbado.

— Hesitas?

— E' que não é possivel...

— Não é possivel porque?

— Tu!... tu, Didier!

E o miseravel passou as unhas pelos cabellos.

— Didier? repetiu elle! e eu te vi morto! Tive o teu cadaver nos meus braços... amortalhei-te com as minhas proprias mãos...

— Recordas-te agora?

Polichinello sentiu um calafrio. Aproximou-se tremulo do barão, tocou-lhe no braço para certificar-se bem de que não era ludibrio de um sonho e de que o homem que alli estava em frente delle não era um phantasma.

As testemunhas daquella scena olhavam curiosas e intrigadas.

Ao cabo de alguns instantes, o barão puchou Polichinello de parte. — Novo sentimento apoderara-se deste ultimo.

— E estás em Pariz! disse elle pouco depois.

— Achas que não tenho que fazer aqui? respondeu o barão.

— Queres vingar-te!

— Talvez.

— Perder a condessa?

— Isso é conforme...

— Denunciar o conde?

O barão, a estas palavras, deixou ouvir um surdo rugido e as suas sobrancelhas se contrahiram, os dentes morderam-lhe os labios a ponto de fazer sangue quasi, e feroz lampejo lhe sulcou a fronte.

— Sim! sim! exclamou em tom de odio implacavel. Ah! é elle quem me deve pagar todos os padecimentos passados, as minhas illusões perdidas, o meu amor trahido!... Tens razão, é o conde, é o seu sangue, a sua vida, a sua honra que me são necessarios, e não descansarei senão quando por sua vez elle houver passado por todas as infamias com que me cobriu!

— Mas por que meio? Toma cuidado! o conde é poderoso; com uma palavra pode reenviar-te para as galés.

O barão alçou os hombros.

— Nestes quinze annos, respondeu elle com voz forte, tenho aprendido o que é a vida, e sei o que se deve pensar da lealdade e da coragem dos homens. No dia em que eu o houver resolvido, o conde des Aiglades estará perdido.

— Não comprehendo...

— Pois bem, escuta, e vais comprehender. Não vim cá para outra cousa... Vou dizer-te que serviço

espero de ti, e quando me houveres ouvido terás a liberdade de ir dizer ao conde des Aiglades o que eu te houver confiado.

O barão fallava com soberana autoridade, a que Polichinello não procurava esquivar-se.

Quaes as cousas de que lhe fallou? A que confidencia se entregou? Não poderiamos dizer-o.

Quando, porém, ao cabo de alguns minutos, o barão se separou do seu interlocutor e ganhou a porta, depois de haver entregue ao *Philosopho* uma quantia suficiente para pagar as despezas do banquete, Polichinello não respondeu senão com evasivas ás perguntas que lhe foram dirigidas, e não tardou que elle também se afastasse da praça Maubert.

O que elle acabava de saber era demasiado grave, e cumpria-lhe quanto antes attender ao perigo de que se sentia ameaçado.

XII

Havia então, na rua de la Harpe, no quinto andar da casa n.º 25, um sotãozinho que era com certeza o mais bonito ninho de rapariga que existia em Pariz.

A janella abria sobre o telhado muito inclinado, e podia-se avistal-a da rua.

Isto alegrava os olhos e o coração.

Em torno da janella se enroscavam diversas trepadeiras, e varias outras plantas medravam em um caixão solidamente preso por arames; e naquella harmoniosa e vidente moldura via-se uma vez ou outra aparecer e sorrir uma carinha curiosa.

Os moradores dos sotões vizinhos conheciam-n-a perfeitamente, e mais de uma distração causára ella aos discípulos de Cousin ou de Michelet.

Era uma mocinha, tinha dezenove annos, nem mais um mez...

E linda!... lindissima!...

Uma carne alva e rosada; dous olhos espirituosos e francos; cabellos como se usavam no paraíso terrestre, e uns pés que diziam mil cousas provocadoras quando pisavam no asfalto do boulevard.

O seu talhe, delgado e flexivel, tinha a gentil graça dos tenros arbustos; suas espaduas eram arredondadas e cheias; as mãos delicadas e finas.

E com tudo isto, uma petulancia, uma vivacidade, um enebriamento da vida... que a propósito de tudo se manifestavam nos seus olhares, em cada uma de suas palavras.

Tinha nascido em uma agua-furtada, por uma bella manhã de Maio... e a primeira caricia que recebeu foi mesclada de lagrimas e de soluços...

Sem duvida, naquelle momento, a māi chorava algum mysterioso amor destruido... A criança que ella acabava de dar á luz não passava de mais uma vergonha que vinha augmentar-lhe a dôr.

Olhou entretanto para ella — e então... uma causa estranha aconteceu.

Francina tinha já nos labios o radiosso sorriso que é o signal celeste das naturezas expansivas e boas.

Havia luz naquelle sorriso, e como o nimbo de ouro com que os pintores christãos adornam a fronte do menino Jesus, illuminou elle a agua-furtada desmantelada e núa.

Não foi preciso mais: a māi sentio-se consolada e robustecida como se o proprio Deus houvesse olhado para ella.

Como cresceu a criança e como foi que ella attingiu os seus dezesete annos atravéz da miseria e de seduccões de todo o genero, levaria muito tempo a contar-se.

Sozinha no mundo, sem amparo, sem laço de natureza alguma, refugiara-se no trabalho, como outras se refugiam no prazer—para esquecer...

Tornara-se formosa, sem se quer ter consciencia de sua formosura, e, se ás vezes experimentava no fundo da alma secreta satisfacção pelas admirações de que era objecto, jamais um pensamento culpado lhe veio alterar a casta serenidade.

Fôra talvez a sua alegria que a preservára.

Francina era alegre — como se é sadio, — por natureza.

Todavia, embora fosse geralmente estimada, não possuia precisamente amigos.

Para melhor dizer, não tinha senão um.

Sacco-de-Gêssso!

Conhecerá-o quando criança; era elle então muito docil, de humor facil, mais inclinado ao bem do que ao mal.

A miseria, porém, entrára em casa. Sua māi — a viuva Dumont — tendo perdido o marido a quem adorava, tornara-se repentinamente frenética e sombria.

Começára a ter odio ao filho, não lhe fallava mais senão com aspereza, e chegou pouco a pouco a tratal-o com tal violencia, que acabou por perturbar as frageis noções de moral que o infeliz menino recibera.

Resistio elle por muito tempo ás más idéas que o assaltaram desde aquella epocha.

Quando sua māi o injuriava e espancava demasiado, corria elle choroso para junto de Francina.

Era o seu refugio preferido.

A formosa mocinha sempre tinha palavras meigas para elle; enxugava-lhe as lagrimas, apaziguava-lhe o coração afflito e fazia acudir-lhe aos labios um sorriso suave e triste.

Podia semelhante vida durar?

A proporção que Sacco-de-Gêssso crescia, o sentimento da revolta se accusava nelle mais imperioso. O rapaz sentia necessidade de afirmar a sua virilidade, e um dia sua māi ficou admiradissima ao vê-lo levantar-se contra os seus māos-tratos, deitar-lhe um olhar carregado de colera e afastar-se sem derramar uma lagrima, sem proferir um queixume.

(Continua no proximo numero.)